

nara roesler

50

# FRIEZE NY 2026

estande D12

**preview**

quarta-feira, 13 de maio

**aberto ao público**

quinta-feira - domingo, 14 - 17

**the shed**


545 w 30th st, nova york

# Frieze New York 2026

A Nara Roesler apresenta uma seleção de obras de Jonathas de Andrade de sua mais recente série *Jangadeiros e Canoeiros* e esculturas de Marcelo Silveira, produzidas a partir da madeira de cajacatinga. Ambos os artistas são profundamente influenciados por suas raízes no Nordeste do Brasil.

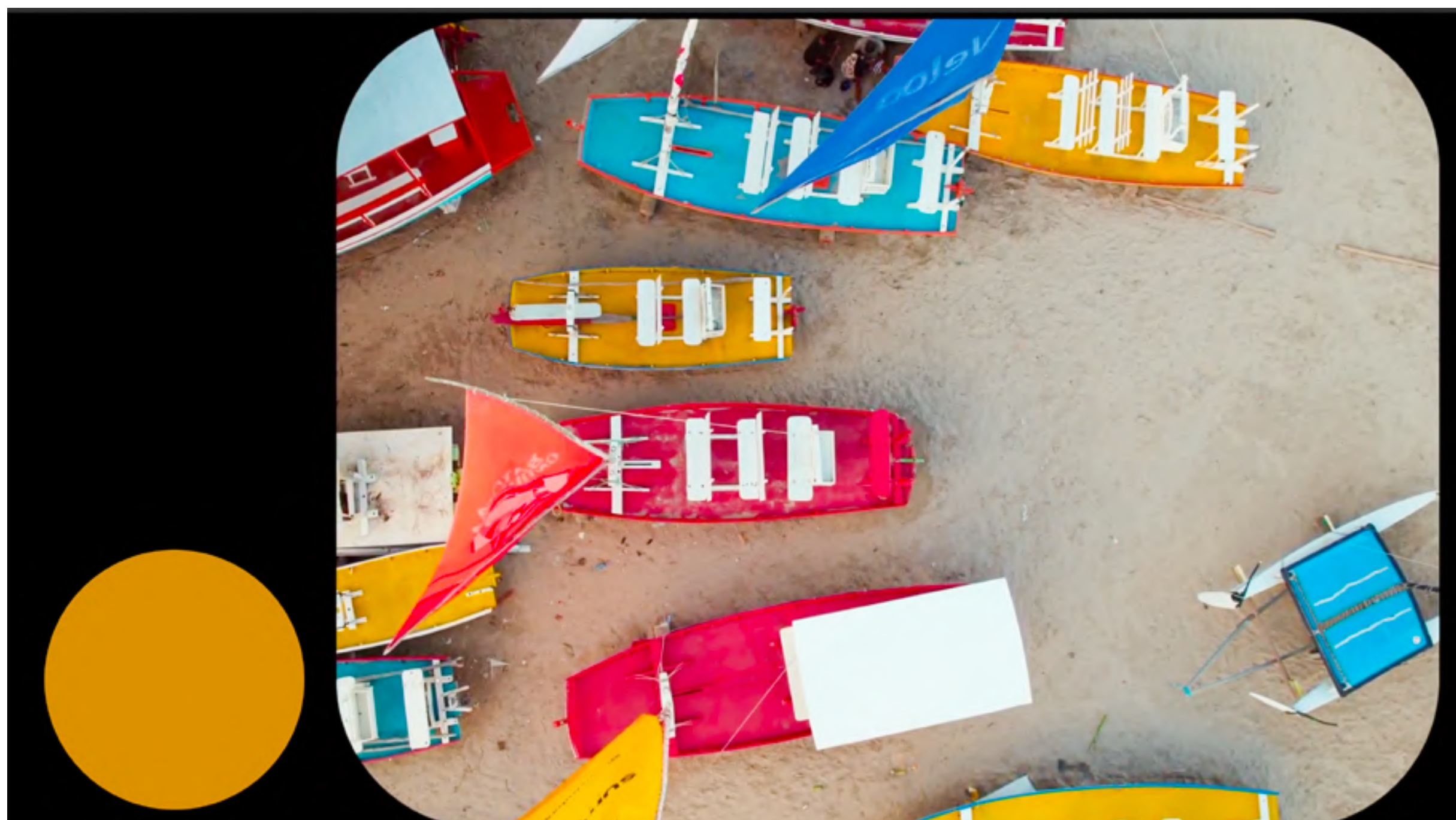
Em seu conjunto de trabalhos mais recente, De Andrade explora duas culturas regionais de navegação distintas: os jangadeiros que navegam o Atlântico em embarcações tradicionais de madeira e os canoeiros do Rio São Francisco. Trata-se de tradições vivas moldadas pelas tensões entre herança cultural, turismo e economias contemporâneas. Silveira, também nordestino, trabalha com a madeira de cajacatinga— uma espécie quase extinta da Mata Atlântica— transformando seus remanescentes em criações delicadas e altamente estéticas que revelam, de maneira sutil, o contexto predatório de sua origem.

Como Silveira e De Andrade têm especial consciência de seus predecessores artísticos, o diálogo entre suas obras é ancorado por dois marcos históricos: *Metaesquema* (1958), de Hélio Oiticica, e uma obra sem título de Tomie Ohtake (1977). Figuras centrais do modernismo tardio brasileiro, Oiticica—cuja linguagem é retomada por De Andrade em *Metaesquemas Canoeiros 5: Preto, navegando Hélio Oiticica*—e Ohtake—mestre da abstração orgânica no Brasil—desafiam a precisão geométrica e a previsibilidade nessas obras. Eles introduzem variação, ritmo e uma expressividade singular às composições, permitindo que o movimento orgânico floresça mesmo dentro dos limites das formas geométricas.

A close-up photograph of a boat's mast and boom. The mast is a vertical wooden pole with a white plastic sleeve. A horizontal wooden boom is attached to the mast. The boom has a white plastic sleeve with the text "DEUS TE AMA" written in black capital letters. The background shows a clear blue sky with some clouds and a greenish-blue sea. The boat's deck is visible at the bottom, showing some white and blue components.

**DEUS TE AMA**

Jonathas de Andrade  
*Jangadeiros e Canoeiros*, 2025  
vídeo HD, colorido e sonorizado  
edição de + 2 PA  
13'06''



Parte de uma pesquisa comissionada pelo Victoria and Albert Museum, a convite de Catherine Troiano, curadora do Departamento de Fotografia, as obras de Jonathas de Andrade da série *Jangadeiros e Canoeiros* constituem um projeto em andamento, com trabalhos em diferentes formatos que se concentram nos gestos corporais e no trabalho coletivo de levar uma jangada ao mar e trazê-la de volta—um ritual secular hoje entrelaçado com o turismo ao longo do litoral disputado de Maceió. O trabalho contrasta com as imagens idílicas frequentemente utilizadas para promover a região, evocando o anonimato e a resistência de vidas moldadas pelo legado colonial brasileiro.

---

Jonathas de Andrade  
*Jangadeiro Germano e a  
vela do sol e ondas*, 2025  
tinta e impressão de  
serigrafia sobre tecido  
116 x 126 x 5,3 cm (bastidor) |  
dimensões variáveis (vela)





---

Jonathas de Andrade  
*Jangadeiro Jorge Folha e a vela solar*  
(série *Jangadeiros alagoanos*), 2025  
tinta e impressão de  
serigrafia sobre tecido  
única  
125 x 115 x 5 cm (bastidor) |  
dimensões variáveis (vela)





Um elemento fundamental da série são as velas que o artista coletou de jangadas em atividade, cada uma pintada à mão com anúncios publicitários—uma das principais fontes de renda dos jangadeiros por décadas. De Andrade dobra as velas em retângulos, serigrafa os rostos dos pescadores sobre as superfícies agora abstratas e preserva vestígios da pintura original. Ao substituir logotipos comerciais pelos indivíduos que trabalham sob eles, o artista reivindica espaço para visibilidade e dignidade.

---

Jonathas de Andrade  
*Jangadeiro Vanderlan e a vela do sorvete*  
(série *Jangadeiros alagoanos*), 2025  
tinta e impressão de  
serigrafia sobre tecido  
única  
125 x 115 x 5 cm (bastidor)  
dimensões variáveis (vela)



Além das velas, o artista criou uma série de serigrafias sobre madeira de sucupira, acompanhadas de pequenos poemas gravados em acrílico.

---

Jonathas de Andrade

*Permanência Relâmpago 1 –*

*Suor e coragem, 2025*

serigrafia sobre MDF naval revestido  
com folheado de sucupira, placa de  
acrílico gravado com pirógrafo

edição de 3 + 1 PA

2 partes de MDF de 50 x 80 cm (cada)

e 1 parte de acrílico de 10 x 80 cm



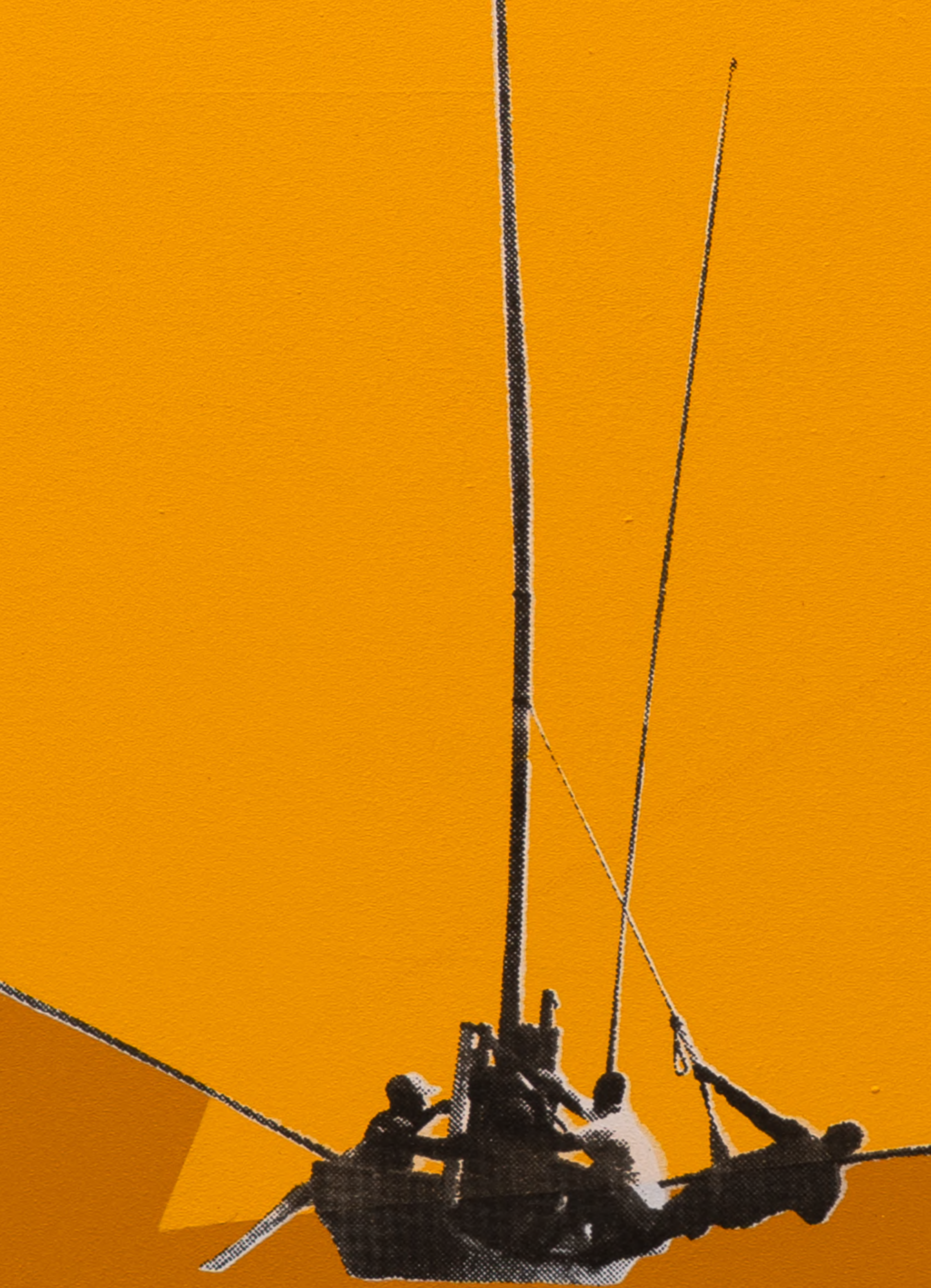
SWEAT AND COURAGE, AND MAYBE A FEW ARMS OF THE SEA - MAYBE  
FOUR, SIX, WHO KNOWS, EVEN EIGHT - TO OVERCOME THE CRASHING  
WAVES, THE SOFT SAND, THE WEIGHT OF THE BOAT, AND THE  
MYSTERY OF THE CROSSWIND.



---

Jonathas de Andrade  
*Canoeiros e um relevo espacial  
amarelo sobre mar amarelo,  
navegando Hélio Oiticica, 2026*  
serigrafia sobre MDF naval  
única  
100 x 100 cm





---

Jonathas de Andrade

*Metaesquemas Canoeiros 3: Preto,*  
*navegando Hélio Oiticica, 2026*

serigrafia sobre MDF naval

única

65 x 70 cm



As pequenas esculturas da série *Regata de Cores sobre o Rio São Francisco* são compostas por pinturas sobre fragmentos de madeira laqueada, que recriam, em forma escultórica, os grafismos dos barcos da corrida de canoas do Rio São Francisco, presente no filme *Jangadeiros e Canoeiros*. Outro desdobramento da série são as composições abstratas criadas a partir de recortes fotográficos, que dialogam com os Metaesquemas de Hélio Oiticica (décadas de 1950/60), mesclando design popular com abstração modernista.



---

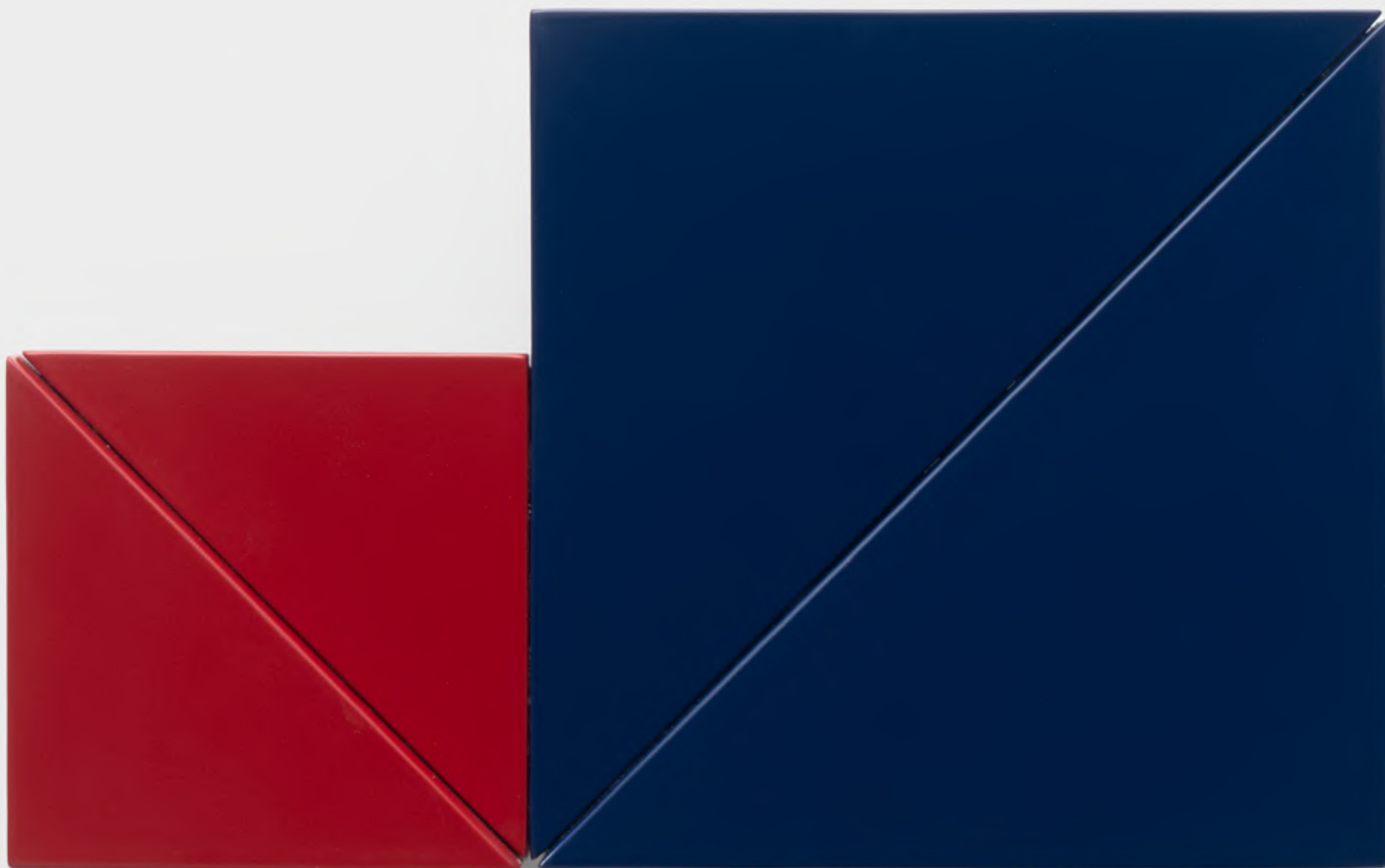
Jonathas de Andrade

*Marcela (série Regata de cores  
sobre o rio São Francisco), 2025*

MDF revestido com pintura de laca

única

25 x 40 x 8 cm





---

Jonathas de Andrade  
*Galileia (série Regata de cores  
sobre o rio São Francisco), 2025*  
MDF revestido com pintura de laca  
única  
25 x 40 x 8,5 cm





---

Jonathas de Andrade  
*Elisa (série Regata de cores  
sobre o rio São Francisco), 2025*  
MDF revestido com pintura de laca  
única  
25 x 40 x 8 cm



---

Hélio Oiticica  
*Metaesquema* (“velvet”)  
(MET 016), 1958  
guache sobre cartão  
49 x 56 cm



Entre as obras apresentadas está *Metaesquema* (1958), de Hélio Oiticica, considerado um dos desenvolvimentos mais marcantes da arte construtiva. Produzido em um momento em que essa linguagem ganhava força no Brasil e na América Latina, os *Metaesquemas* concebem a geometria não como uma estrutura rígida e autônoma, mas como algo vibrante, vivo e, em certa medida, instável. Equilíbrios precários, planos perpendiculares, formas oscilantes e uma organização aberta—permeada por certa dose de humor—caracterizam a poética do artista nesse período, já apontando para uma ruptura com o rigor ortogonal da tradição concreta.

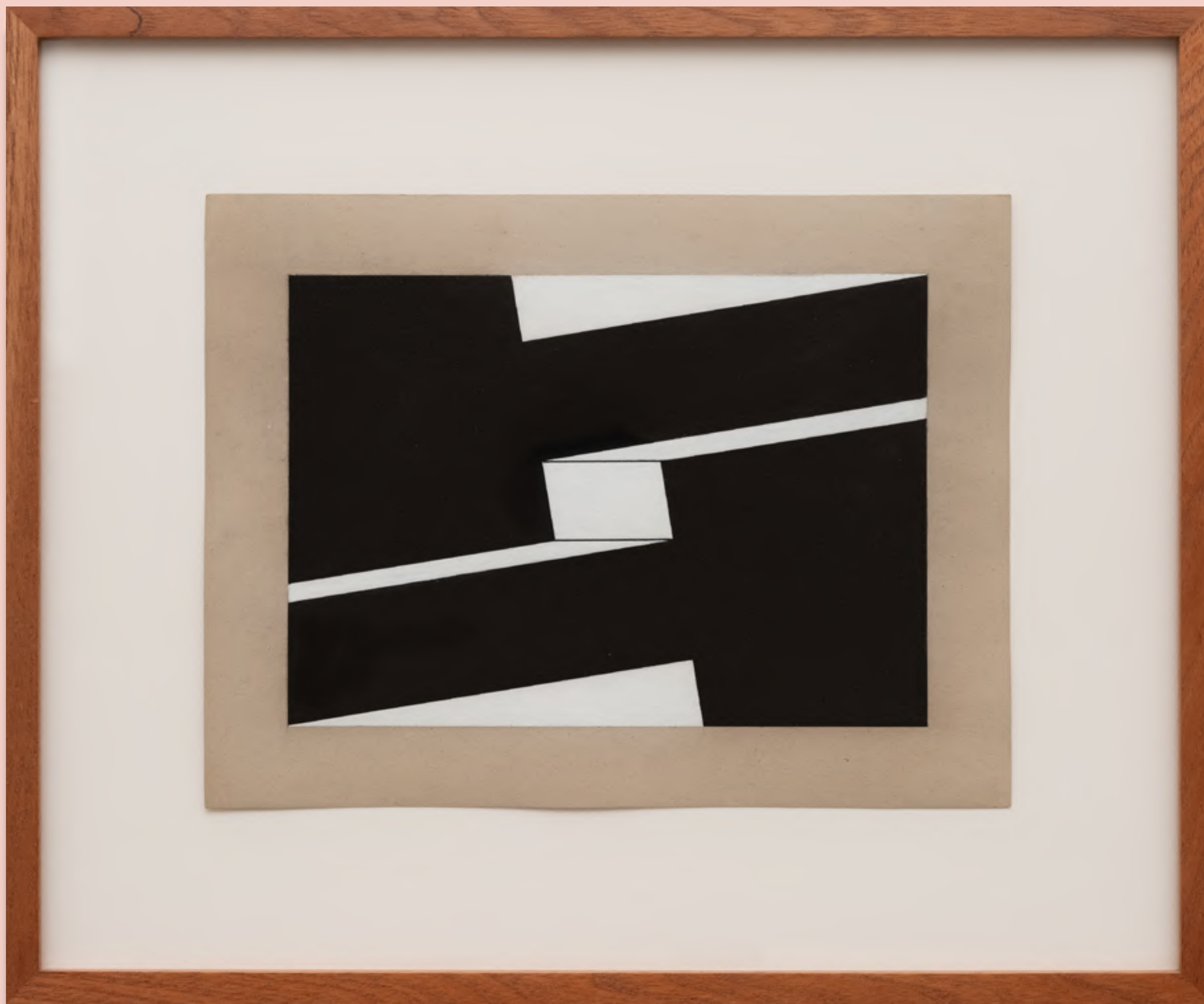
---

Hélio Oiticica

*Metaesquema (MET234)*, 1958

guache sobre cartão

30 x 40 cm





---

Tomie Ohtake  
*Sem título*, 1977  
tinta óleo sobre tela  
95 x 95 cm



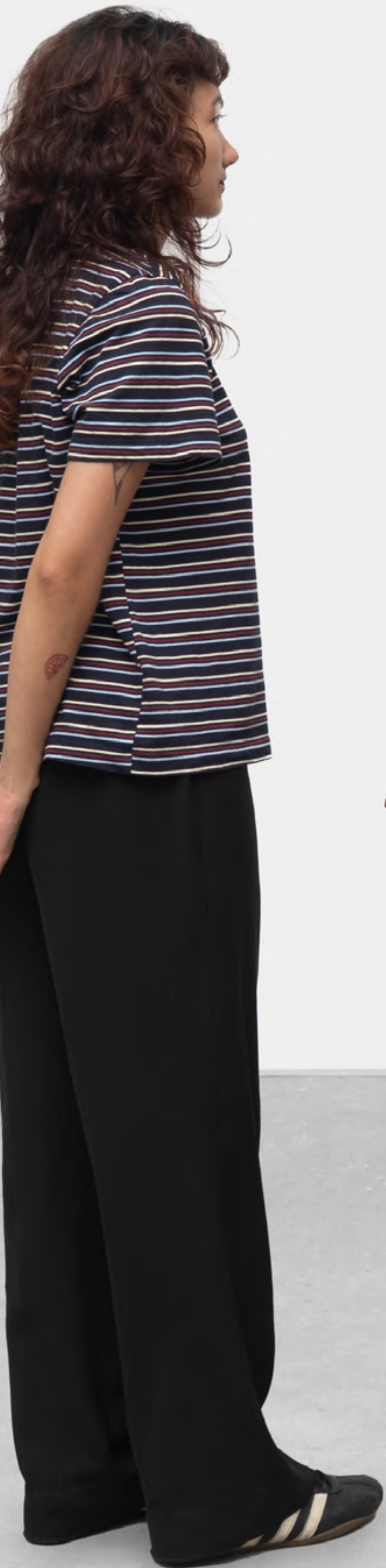
Figura central da arte abstrata brasileira, Tomie Ohtake também integra a seleção com uma obra do final dos anos 1970. De origem japonesa, mas radicada no Brasil, a artista combinava geometria com lirismo e gesto em suas composições, frequentemente criando nuances de luz e cor, pinceladas esfumaçadas e elementos sugestivos—ora mais definidos, ora mais difusos. Em *Sem título* (1977), formas sinuosas que evocam o mundo orgânico coexistem com uma estrutura mais regular que atua como eixo e contraponto, tensionando equilíbrio e fluidez.





---

Marcelo Silveira  
*Sementes VII*, 2025-2026  
madeira (cajacatinga)  
250 x 58 x 50 cm



---

Marcelo Silveira  
*Pele XXXI*, 2023  
madeira (cajacatinga), cera  
de abelha e pino metálico  
única  
186 x 150 x 60 cm





Essa relação entre forma e organicidade reaparece na obra de Marcelo Silveira. Em trabalhos como *Peles* e *Sementes*, o artista investiga as características da cajacatinga—madeira nativa da Mata Atlântica costeira brasileira—testando os limites de sua plasticidade, esculpindo-a, desgastando-a e criando linhas de resistência em sua superfície. Em Pernambuco, onde vive e trabalha, a cajacatinga foi amplamente explorada desde o período colonial para abrir espaço à construção de equipamentos de engenhos de açúcar e hoje encontra-se quase extinta, restando sobretudo raízes, frequentemente queimadas em incêndios sazonais. Silveira coleta esses fragmentos, criando obras que atribuem novas formas e funções a esses remanescentes.

---

Marcelo Silveira  
*Circular*, 2025-2026  
madeira (cajacatinga)  
ø 120 cm



Se, em Ohtake, a forma é permeada por gesto e atmosfera, oscilando entre definição e dissolução, em Silveira ela se ancora na materialidade, adquirindo peso, densidade e profundidade histórica. Em ambos os casos, contudo, a forma não se apresenta como um sistema fechado, mas como um campo de tensão: moldada ora pela luz e pelo gesto pictórico, ora pela resistência do material e por seus usos acumulados. É nesse trânsito—da superfície à matéria, do lirismo à estrutura—que a abstração se aproxima de uma experiência simultaneamente sensorial e concreta.



[clique para voltar ao início](#) ↑

**mais sobre os artistas**

---

## jonathas de andrade

n. 1982, Maceió, Brasil

vive e trabalha em Recife, Brasil

A fotografia, o vídeo e a instalação possuem papel central na produção do artista alagoano Jonathas de Andrade. Sua pesquisa muitas vezes envolve o diálogo com comunidades que participam da construção dos trabalhos, ampliando o alcance de vozes constantemente marginalizadas. Partindo do compromisso de costurar ficção e o documental, e em um constante exercício de reescrita da história, Jonathas busca nessa reinvenção a construção de alegorias e narrativas poéticas, que por sua vez funcionam como ferramentas potentes de questionamento das construções de gênero, classe e raça enraizadas na estrutura sociocultural brasileira.

“Penso que a existência artística, que não é privilégio dos artistas de profissão nem garantia a todos eles o tempo todo, tem a ver com um estado de atenção e emergência (...), além de uma disposição estética para a vida. Neste sentido, aquilo que trata a arte como campo isolado acaba interessando pouco. (...). Sinto força na arte pela capacidade de gerar energia em absoluta contradição e desordem dentro de um sistema; pela habilidade de tomar os xeques mates como impulso para o movimento e a transformação e não como emboscadas sem volta”.

### clique para saber mais

---

#### exposições individuais selecionadas

- *Capela della liberazione, Conciliazione 5*, Roma, Itália (2025)
- *Jonathas de Andrade: Permanência Relâmpago*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2025)
- *Jonathas de Andrade: Gueule de bois tropicale et autres histoires*, Jeu de Paume, Tours, França (2025)
- *Le Syndicat des Olympiades*, La Galerie, Noisy-le-Sec, França (2024)
- *Olho-Faísca*, Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT), Lisboa, Portugal (2023)
- *Com o coração saindo pela boca*, 2022, Pavilhão Brasil, 59ª Bienal de Veneza
- *Eye-Spark*, CRAC Alsace, Altkirch, França (2022)
- *O rebote do bote*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2022)
- *Staging Resistance*, Fotografiemuseum Amsterdam (Foam), Amsterdã, Holanda (2022)
- *Jonathas de Andrade: One to One*, Museum of Contemporary Art Chicago (MCA), Chicago, EUA (2019) *Visões do Nordeste*, Museo Jumex, Cidade do México, México (2017)
- *O peixe*, New Museum, Nova York, EUA (2017)
- *Convocatória para um mobiliário nacional*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2016)
- *Museu do Homem do Nordeste*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2014)

---

#### exposições coletivas selecionadas

- *Photography Now*, Victoria & Albert Museum, Londres, Reino Unido (2025)
- *Histórias LGBTQIAP+*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2024)
- *O Mundo é o Teatro do Homem*, Instituto de Arte Contemporânea de Inhotim, Brumadinho, Brasil (2022)
- 16ª e 12ª Bienal de Istambul, Istambul, Turquia (2019 e 2011)
- 13ª e 10ª Bienal de Sharjah, Emirados Árabes (2017 e 2011)
- 32ª e 29ª Bienal de São Paulo, Brasil (2016 e 2010)
- 12<sup>th</sup> Lyon Biennial, France (2013)
- New Museum Triennial, New York, USA (2012)

#### coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Instituto de Arte Contemporânea de Inhotim, Brumadinho, Brasil
- Museo del Barrio, Nova York, EUA
- Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia (MNCARS), Madri, Espanha
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil
- Museum of Modern Art (MOMA), Nova York, EUA
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido
- Victoria And Albert Museum, Londres, Reino Unido

de volta ao trabalho do artista ↑

---

## helio oiticica

n. 1937, Rio de Janeiro, Brasil

m. 1980, Rio de Janeiro, Brasil

Um dos artistas brasileiros mais influentes da segunda metade do século XX, Hélio Oiticica iniciou sua carreira como pintor e, progressivamente, foi se voltando para uma obra mais efêmera, dinâmica e voltada para a performance, que culminou em instalações de grandes dimensões. Sua intensa produção artística foi constantemente acompanhada por reflexões prolíficas e perspicazes sobre os rumos da arte contemporânea. Ele participou ativamente do movimento concretista como membro do coletivo Grupo Frente (1955–56), mas, a partir do final da década de 1950, ao se filiar ao Grupo Neoconcreto (1959), sentiu a necessidade de se libertar da bidimensionalidade e começou a criar obras de arte mais radicalmente sensoriais e interativas.

Assim nasceram as séries Relevos e Núcleos espaciais, os primeiros exemplos de uma pesquisa sobre cor e espaço que acabaria levando à criação dos Bólides e, especialmente, dos Penetráveis, instalações em grande escala que o levaram a ser convidado para expor na Whitechapel, em Londres (na famosa exposição Eden de 1969). Controverso e irreverente, ele sempre defendeu a riqueza poética e ética das formas de vida marginalizadas (Seja marginal, seja herói), o que se traduziu em obras pulsantes como seus Parangolés, que são provavelmente o exemplo mais direto e conciso de sua aspiração de fundir arte e vida.

---

### selected solo exhibitions

- *Helio Oiticica*, Dia Art Foundation, Beacon, EUA (2025)
- *Helio Oiticica: Mundo Labirinto*, Casa SP-Arte, São Paulo, Brasil (2023)
- *Hélio Oiticica*, Lisson Gallery, Nova York, EUA (2020)
- *Hélio Oiticica: A Dança na minha experiência*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2020)
- *Helio Oiticica: To organize delirium*, Art Institute of Chicago, Chicago, EUA (2017)

### selected group exhibitions

- *Minimal : Pinault Collection*, Bourse de Commerce, Paris, França (2025)
- *Waiting for Tear Gas*, Philadelphia Museum of Art, Philadelphia, EUA (2022)
- *This must be the place: Latin American artists in New York (1965-1975)*, The Americas Society, Nova York, EUA (2021)

- 
- *AI-5 50 Anos*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2018)
  - *Géométries Américaines: Du Mexique à la Terre de Feu*, Fondation Cartier pour l'art contemporain, Paris, França (2018)

### selected collections

- Art Institute of Chicago (AIC), Chicago, EUA
- Museo de Arte Latino-Americano de Buenos Aires (MALBA), Buenos Aires, Argentina
- Guggenheim Abu Dhabi, Abu Dhabi, EAU
- Inhotim Centro de Arte Contemporânea, Brumadinho, Brasil
- Los Angeles County Museum of Art (LACMA), Los Angeles, EUA
- The Metropolitan Museum of Art, New York, EUA

de volta ao trabalho do artista ↑

---

## tomie ohtake

n. 1913, Kyoto, Japão

m. 2015, São Paulo, Brasil

Uma das principais figuras da arte abstrata no Brasil, Tomie Ohtake nasceu em Kyoto em 1913 e mudou-se para o Brasil em 1936. Uma das principais figuras da arte abstrata no Brasil, Tomie Ohtake nasceu em Kyoto em 1913 e mudou-se para o Brasil em 1936. Sua carreira como artista plástica começou na década de 1950, sob a orientação do artista japonês Keiya Sugano. Após uma fase inicial voltada para estudos figurativos em pintura, passou a explorar o abstrato. Durante esse período, criou uma série de trabalhos conhecidos como “pinturas cegas”, em que pintava com os olhos vendados. Tal prática foi sugestão do crítico Mário Pedrosa, um dos principais teóricos do movimento neoconcreto brasileiro, enfatizando a sensibilidade e a intuição em sua prática.

Em suas pinturas de meados da década de 1970 até a década de 1980, Ohtake desenvolveu um estilo distinto e inigualável de abstração figural. As suas magníficas obras, caracterizadas por formas redondas e orgânicas que preenchem o campo visual, são executadas com sutis gradações de tonalidade e extensões monocromáticas. Com isso, ela transformou o legado do modernismo brasileiro em um dos repertórios mais eloquentes da pintura tardo-moderna das Américas. Foi durante esse período que o trabalho de Ohtake assumiu uma dimensão cósmica, impulsionando sua transição para a escultura e o espaço real.

### [clique para ver cv completo](#)

---

#### exposições individuais selecionadas

- *Tomie Ohtake*, Pace Gallery, Tokyo, Japão (2025)
- *Tomie Ohtake Dançante*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2022)
- *Visible Persistence*, Nara Roesler Nova York, EUA (2021)
- *Tomie Ohtake: nas pontas dos dedos*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2017)
- *Tomie Ohtake 100–101*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2015)
- *Pinturas Cegas*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2013)

#### exposições coletivas selecionadas

- *Open Ended: SFMoMA's Collection – 1900 to now*, SFMoMA, San Francisco, EUA (2024)
- 60ª Bienal de Veneza, *Stranieri Ovunque – Foreigners Everywhere*, Veneza Itália (2024)
- *Action, Gesture, Paint: Women Artists and Global Abstraction 1940–70*, Whitechapel Gallery, Londres, Reino Unido (2023)
- *Composições para tempos insurgentes*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Surface Work*, Victoria Miro, Londres, UK (2018)

- 
- *Arte moderna na coleção da Fundação Edson Queiroz*, Museu Coleção Berardo, Lisboa, Portugal (2017)
  - *The World is our Home. A Poem on Abstraction*, Para Site, Hong Kong (2015)
  - *Fusion: Tracing Asian Migration to the Americas Through AMA's Collection*, Art Museum of the Americas, Washington DC, EUA (2013)

#### coleções selecionadas

- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Colección Patricia Phelps de Cisneros, Caracas, Venezuela
- Dallas Museum of Art, Dallas, EUA
- San Francisco Museum of Modern Art (SFMoMA), San Francisco, EUA
- M+, Hong Kong
- Metropolitan Museum of Art (MET), Nova York, EUA
- Mori Art Museum, Tóquio, Japão
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

de volta ao trabalho da artista ↑

---

## marcelo silveira

n. 1962, Gravatá, Brasil

vive e trabalha em Recife, Brasil

A prática de Marcelo Silveira parece questionar categorias pré-estabelecidas, ao desafiar e tensionar definições aparentemente consolidadas de escultura, instalação e colecionismo. Sua produção move-se a partir do interesse pela materialidade. Tudo pode ser objeto de trabalho: madeira, couro, papel, metal, plástico e vidro são apenas alguns dos elementos explorados. Contudo, também é fundamental a configuração por eles assumida, que pode ser criada a partir do repertório formal comum àqueles objetos – garrafas e copos de vidro, por exemplo – ou pela recriação de formas familiares e comuns em matérias inesperadas – como Silveira faz com a madeira, por exemplo.

O colecionismo, de fato, constitui estratégia privilegiada do artista, ao lado do constante jogo entre apropriação e produção. Essas operações aparecem em seu trabalho de diversos modos, seja pelo acúmulo de artefatos encontrados no mundo – como cartões postais, réguas de desenho, vidros de perfume etc. –, em objetos que remetem a utensílios domésticos, mas desprovidos de qualquer utilidade, ou até pela apresentação dos trabalhos sob a forma de conjuntos, em que cada fragmento se integra àquela totalidade, ressignificando-a. Nesse sentido, a organização é fundamental na prática de Silveira, não só como estratégia expositiva, mas também para conferir novo sentido a esses objetos, que possuem a potência de despertar memórias afetivas.

### [clique para saber mais](#)

---

#### exposições individuais selecionadas

- *O que sustenta*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2026)
- *Hotel solidão*, Nara Roesler, Nova York, Brasil (2022)
- *Compacto com pacto*, Sesc Triunfo, Triunfo, Brasil (2019)
- *Com texto, obras por Marcelo Silveira*, Museu de Arte Contemporânea de Sorocaba (MACS), Sorocaba, Brasil (2018)
- *Censor, Museu da Imagem e do Som (MIS)*, São Paulo, Brasil (2016)
- *1 Dedo de Prosa*, Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil (2016)

#### exposições coletivas selecionadas

- *Fullgás – Artes Visuais e Anos 1980 no Brasil*, Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Língua solta*, Museu da Língua Portuguesa, São Paulo, Brasil (2021)

- *35º Panorama da Arte Brasileira*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
- *10ª Bienal do Mercosul*, Porto Alegre, Brasil (2015)
- *Travessias*, Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brasil (2013)
- *29ª Bienal de São Paulo*, São Paulo, Brasil (2010)
- *4ª Bienal de Valência*, Espanha (2007)

#### coleções selecionadas

- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

de volta ao trabalho do artista ↑

---

nara roesler

50

---

**são paulo**

av europa, 655

jardim europa, 01449-001

são paulo, sp, brasil

t 55 (11) 2039 5454

---

**rio de janeiro**

rua redentor 241

ipanema, 22421-030

rio de janeiro, rj, brasil

t 55 (21) 3591 0052

---

**new york**

511 west 21st street

new york, 10011 ny

usa

t 1 (212) 794 5038

---

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art